

---

## **Interiorização do cinema no Rio Grande do Norte para a consolidação de uma cultura audiovisual potiguar<sup>1</sup>**

Rebeca de SOUZA<sup>2</sup>

Janaine S. Freires AIRES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte

### **RESUMO**

A interiorização da cultura audiovisual só é possível através de um processo complexo que exige a articulação entre políticas públicas de fomento, de formação de público e de difusão. Neste artigo apresentamos os apontamentos iniciais do projeto de pesquisa que resultará em um trabalho de conclusão de curso sobre este tema a partir do contexto norte-riograndense. Dados do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual indicam que o estado tem salas de cinema em apenas dois municípios. Buscamos refletir sobre o cenário do mercado audiovisual potiguar e sobre as políticas públicas que fomentam a cultura audiovisual para além dos circuitos comerciais, identificando iniciativas desenvolvidas em cidades fora da capital e sua região metropolitana.

**PALAVRA-CHAVE:** Audiovisual Potiguar; Cinema; Interiorização do cinema.

### **Introdução**

O setor audiovisual tem forte contribuição para a cultura do país. Todavia, a concentração no eixo Rio de Janeiro – São Paulo resulta em implicações sérias para a cultura audiovisual brasileira, seja ela cinematográfica ou mesmo televisiva. O desenvolvimento centralizado de indústrias regionalmente é um processo comum em contextos capitalistas que em geral precisam ser reguladas para que as assimetrias regionais não provoquem efeitos adversos ao desenvolvimento nacional. Porém, do ponto de vista da produção audiovisual, as consequências reverberam para além da economia. Afinal, o audiovisual é determinante na formação da identidade nacional e na construção do imaginário coletivo.

O mercado audiovisual nacional não é somente concentrado. Segundo Marcelo Ikeda (2015), trata-se de um ambiente que, além de dominado por um oligopólio global, é caracterizado por empresas atomizadas em sua maioria com estrutura familiar, sem busca a inovação ou competitividade (p.62). Assim, mesmo nos grandes centros de produção, são

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior - XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Audiovisual pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Voluntária de Iniciação Científica do projeto “Mercado Audiovisual no Rio Grande do Norte”. Integra o EPA! – Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual. E-mail: [rebecasouza303@gmail.com](mailto:rebecasouza303@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do artigo. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do EPA! – Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual. E-mail: [janaineaires@gmail.com](mailto:janaineaires@gmail.com)

---

significativas as rachaduras nas estruturas mercadológicas do audiovisual nacional, que é especialmente dependente da verba pública estatal.

Entendemos que o audiovisual pode desempenhar papel econômico, político e cultural determinante para o desenvolvimento nacional. Assim, nossa concepção quanto a ações de interiorização compreende a questão a partir da noção abrangente de que a cultura audiovisual não está relacionada apenas ao ato de assistir um filme.

Para além disso, compreendemos que a difusão da cultura audiovisual nos leva a identificar os espaços físicos necessários à população para a propagação do vídeo, os teatros, as praças, os auditórios e os cinemas associados diretamente as atividades mobilizadas por agentes culturais locais. Este aspecto nos parece central, pois é possível consumir o audiovisual através de mecanismos cada vez mais difundidos como o celular, por exemplo. No entanto, buscamos identificar a cultura audiovisual potiguar considerando sua interlocução com a produção cultural local. Nosso olhar, portanto, está voltado não somente para o fomento do processo audiovisual em si, mas também para a criação de grupos, coletivos, projetos sociais, ações voltadas à comunicação, à literatura e à arte, contribuindo para ações que envolvem as políticas públicas e culturais da cidade.

Dessa forma, “[...] o olhar sobre o filme se ancora em toda a diversidade possível de fontes, o filme passa a ser entendido através dos filtros com que ele é visto” (BAECQUE, 2010, p. 38), ou seja, um olhar para a importância do pensar cinema e as múltiplas formas que ele pode atingir uma população que tenha acesso a essa manifestação artística. Esta concepção se justifica, pois entendemos que discutir, analisar, fazer e promover de forma cinematográfica torna uma sociedade mais crítica. Trata-se de defender que investigar a cultura audiovisual no interior potiguar é uma forma de afirmação da sua própria cultura, levantando a sua importância. Mais do que isso, investigar o cinema no interior é ressaltar suas origens, o entendimento de cinema como uma necessidade para a população e uma forma de resistência.

Neste artigo, apresentamos os apontamentos iniciais do projeto de pesquisa intitulado “Interiorização do cinema no Rio Grande do Norte: políticas públicas para a consolidação de uma cultura audiovisual potiguar”, que será desenvolvido no primeiro semestre de 2021, como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social - Audiovisual. Nosso percurso neste artigo analisará a conjuntura da produção audiovisual potiguar, debatendo especialmente os efeitos da concentração global na conjuntura regional. Na sequência, discutiremos o que são as políticas públicas e como podemos definir as políticas públicas para

---

a cultura e especialmente para o audiovisual. E, por fim, apresentamos um panorama geral da interiorização da cultura audiovisual na região.

### **O audiovisual brasileiro é grande como o Brasil?**

Em dezembro de 2014, como parte das atividades de lançamento da nova identidade visual, a Ancine lançou a campanha “Audiovisual Brasileiro. Grande como o Brasil”. Composta por um comercial de 60 segundos e peças publicitárias para diferentes mídias, a campanha foi estrelada por quatro atores brasileiros de visibilidade nacional com atuações concomitantes na produção televisiva e cinematográfica: Patrícia Pillar, Cauã Reymond, Matheus Nachtergaele e Débora Secco.

Reunidos em um cenário que reproduz um *set* de filmagens os atores encenam um bate papo sobre a produção audiovisual nacional. A começar pelo fato de que três dos quatro atores escalados são sudestinos<sup>4</sup>, o comercial é um indicativo da invisibilidade das assimetrias regionais. O tom ufanista de desenvolvimento nacional em geral se compromete a esconder os desequilíbrios entre as regiões. No caso destacado a questão do ponto de vista do audiovisual é muitas vezes naturalizada, conforme descrevemos a seguir:

Cauã Reymond  
É bom o roteiro, hein?

Patrícia Pillar  
Nossa! É bonita essa história. É tão bom fazer uma história brasileira.

Matheus Nachtergaele  
Poder filmar o Brasil.

Patrícia Pillar  
Poder emocionar as pessoas com uma história assim.

Cauã Reymond  
A gente produz mais de uma centena de filmes no Brasil de vários gêneros diferentes.

Patrícia Pillar  
A gente tem uma diversidade cultural, de cenários e de histórias.

Débora Secco  
Tanto cineasta jovem surgindo. Com ideias completamente novas.

---

<sup>4</sup> Sendo Reymond e Secco naturais do Rio de Janeiro, Nachtergaele de São Paulo e Pillar de Brasília

Patrícia Pillar  
É tá todo mundo trabalhando!  
Matheus Nachtergaele  
E cabe! Todo mundo cabe assim!

Cauã Reymond  
E nossa produção só cresce!

Matheus Nachtergaele  
O Brasil sempre teve filmes lindos, mas agora é uma quantidade...

Débora Secco  
E o público consegue perceber a qualidade das produções nas diversas telas.

Patrícia Pillar  
Não só a tela do cinema também. Tem as séries que chegam a qualquer lugar.

Matheus Nachtergaele  
E é um espelho para que o brasileiro se conheça.

Cauã Reymond  
A gente está vivendo um momento muito especial.

Patrícia Pillar  
Com os investimentos do governo federal o audiovisual brasileiro se tornou grande. Grande como os nossos sonhos, talentos e histórias. E com o seu reconhecimento vai ficar ainda maior. Audiovisual brasileiro. Grande como o Brasil. Assista, recomende, valorize o que é seu. Ancine e Governo Federal. (Ancine, 2014)

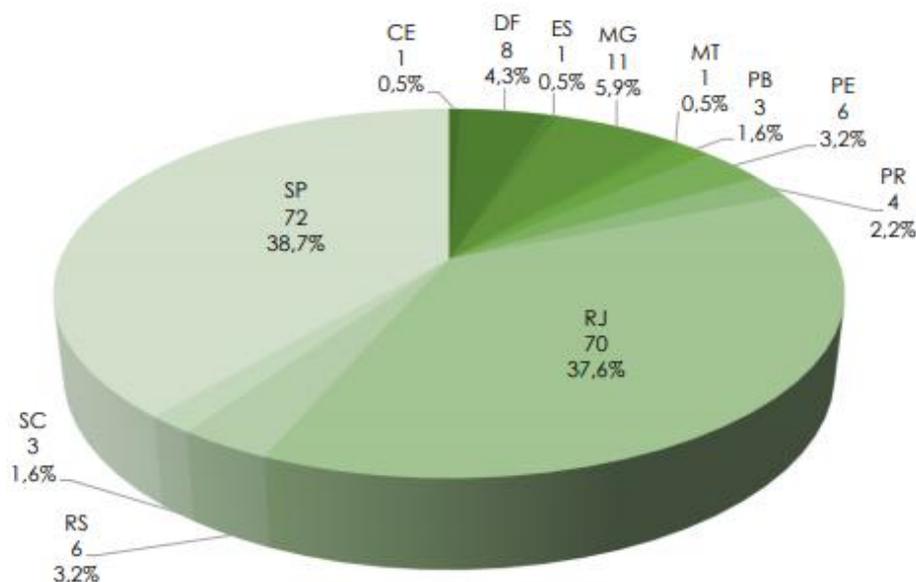
Em 2014, o cenário audiovisual brasileiro vivia “o momento especial” a qual Cauã Reymond se refere. Naquela ocasião, comemorava-se a produção de 100 longas metragens nacionais e os efeitos positivos da lei nº 12.485/2011 implantada em 2012, que levaram a produção independente nacional às telas de horário nobre da tv por assinatura. Tal lei, além da exigência de conteúdo independente na televisão paga, deliberava também que as verbas destinadas pela Condecine<sup>5</sup> deveriam ter 30% (trinta por cento) no mínimo destinadas “a produtoras brasileiras estabelecidas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, nos critérios e condições estabelecidos pela Agência Nacional do Cinema – Ancine”. Dentre as condições, considerar-se-ia “o local da produção da obra audiovisual, a residência de artistas e técnicos envolvidos na produção e a contratação, na região, de serviços técnicos a ela vinculados”. Os

---

<sup>5</sup> Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica, que compõe o Fundo Setorial do Audiovisual.

dados da Ancine sobre as obras concluídas, no entanto, contrariam o cenário que o comercial pretende retratar, conforme destacamos no gráfico 01.

GRÁFICO 01 - OBRAS CONCLUÍDAS POR UF DA EMPRESA PRODUTORA



Fonte: SAD (CPBs emitidos até dezembro/2014) e site dos festivais.

Dentre as 186 longas-metragens brasileiros concluídos, 76,3% foram produzidos por empresas do Rio de Janeiro e São Paulo. Há uma concepção equivocada quanto ao que se difunde como diversidade, nos dizeres da propaganda “a gente tem uma diversidade cultural, de cenários e de histórias”. É equivocada também a fala reproduzida por Matheus Nachtergaele de que o cinema nacional “é um espelho para que o brasileiro se conheça”. O tema é bastante sensível, pois toca em questões delicadas no que se refere a construção da cultura audiovisual brasileira.

A regionalização sempre foi um gargalo importante no desenvolvimento de políticas públicas no geral. No que se refere a comunicação e a cultura essa característica também se repete. O modelo de televisão aberta no Brasil é nacional e concentracionista, conforme destaca Bolaño (2007) e só se sustenta economicamente através do arranjo de afiliação entre empresas nacionais e regionais. No pacote deste modelo a produção regional é relegada a um papel secundário e passa a ser espremida em poucos intervalos cedidos pela cabeça-de-rede.

Já no caso da produção audiovisual cinematográfica, desde a institucionalização da Política Nacional de Cinema através da medida provisória nº 2.228 de 2001, no entanto, a

---

regionalização está inserida com um princípio central que motiva a criação da Agência Nacional de Cinema – Ancine. Dentre os propósitos, a agência reguladora tem como função “estimular a diversificação da produção cinematográfica e videofonográfica nacional e o fortalecimento da produção independente e das produções regionais com vistas ao incremento de sua oferta e à melhoria permanente de seus padrões de qualidade”. Dessa forma, como destaca Norlan Silva (2015) desde o nascedouro a Ancine tem como função:

articular a produção, a distribuição, a exibição que são fases da cadeia produtiva do cinema e audiovisual, como também a preservação, a formação, a difusão, a pesquisa, entre outros. E também almeja um estímulo à diversidade da produção audiovisual brasileira, por meio do empoderamento das empresas nacionais independentes e das produções nas diferentes unidades da federação, para que se alcance um nível de oferta e qualidade no segmento audiovisual em comparação aos grandes eixos e núcleos produtivos do Brasil, como Rio e São Paulo. (SILVA, 2015, *on-line*)

Há o entendimento de que a produção regional seria o oposto à produção nacional e que precisaria de melhorias permanentes de seus padrões de qualidade. Além disso, compreende-se o eixo Rio de Janeiro – São Paulo como o núcleo, de tal forma resta aos 24 estados e o distrito federal se contentarem como uma espécie de periferia do sistema.

É preciso destacar, no entanto, avanços no que se refere a inserção das diferentes regiões na política nacional de cinema. Segundo a Ancine, o Brasil já teve uma grande e descentralizada rede de salas de cinema. Em 1975, o país tinha quase 3.300 salas o que representava 1 para cada 30 mil habitantes e 80% destas em cidades do interior. Neste ano, 95 milhões de habitantes compraram 275 milhões de bilhetes. O processo de urbanização, a especulação imobiliária e a fragilidade econômica tiveram papéis importantes na mudança na geografia das salas de cinema. Os cinemas migraram das ruas para os shoppings e associado a popularização da tv, o processo de centralização se acentuou em 1997, o número de salas de cinema caiu para pouco mais de 1.000.

Segundo dados da Ancine, em 2012, o Brasil tinha em média uma sala de cinema para 88 mil habitantes. O número já é alto quando comparado com países como Estados Unidos que tem 8 mil habitantes por sala; ou França cuja média é de 11 mil habitantes por sala; México que tem 27 mil habitantes por sala; e Argentina que tem 38 mil habitantes por sala. Considerando o nosso estado, o Rio Grande do Norte tinha naquele momento cerca de 200 mil habitantes por sala, mais que o dobro nacional.

---

Em 2012, foi criado o Programa Cinema Perto de Você cujo propósito é a ampliação, diversificação e descentralização do mercado de salas de exibição no Brasil, cujo propósito era retomar o cenário de descentralização do parque exibidor nacional.

Como objetivos a lei 12.599/2012 estabelece: I - fortalecer o segmento de exibição cinematográfica, apoiando a expansão do parque exibidor, suas empresas e sua atualização tecnológica; II - facilitar o acesso da população às obras audiovisuais por meio da abertura de salas em cidades de porte médio e bairros populares das grandes cidades; III - ampliar o estrato social dos frequentadores de salas de cinema, com atenção para políticas de redução de preços dos ingressos; e IV - descentralizar o parque exibidor, procurando induzir a formação de novos centros regionais consumidores de cinema. Este programa visava fomentar complexos de exibição cinematográfica situados em municípios de porte médio e também previa a distribuição proporcional dos projetos entre regiões do país. O programa compreendia linhas de crédito e investimento e medidas tributárias de estímulo à expansão e à modernização do parque exibidor.

O Programa *Brasil de Todas as Telas* lançado em 2015 através de recursos do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) articulou diferentes modalidades de operação financeira, parcerias público privadas e fomentou novos modelos de negócios, através de quatro eixos: 1) Desenvolvimento de projetos e formatos de obras brasileiras; 2) Produção e difusão de conteúdos brasileiros no cinema e na televisão; 3) Capacitação e formação profissional; 4) Implantação e modernização de salas de cinema. O programa agregou cerca de 1,2 bilhões de reais. A questão que desejamos destacar aqui se refere especialmente ao papel simbólico e cultural do audiovisual. A política pública não parece se importar com a diversidade cultural, étnica e linguística brasileira. Dessa forma, não falamos de uma questão econômica somente, mas de um desafio central para o desenvolvimento social e humano no país.

### **Teoria e método para a análise das ações de interiorização**

O Rio Grande do Norte é diretamente afetado pela condição de concentração dos recursos no que se refere a consolidação do audiovisual. Suas salas de cinema são concentradas na capital, Natal, e em Mossoró, existe uma problemática que envolve, não só os espaços de exposições de filmes, mas o cinema potiguar como um todo, seja como público, realizador ou produtor. Além disso, ao analisar o interior do estado, a realidade é ainda mais assustadora. Mossoró é a única cidade do interior com sala de cinema, totalizando 16,12% do total de salas

no estado. Isso significa que 83,88% das salas de cinema estão na capital, Natal. Assim, é importante entender que o cinema vai além do lazer e justificar sua existência como meio de formação da identidade.

A concentração também se verifica quando analisamos as empresas produtoras. Segundo a base de dados disponível no site da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), levantados pelo projeto de pesquisa “Mercado Audiovisual no Rio Grande do Norte” em 2020 (AIRES; ALMEIDA; DANTAS; FERNANDES; LAZARO; RIBEIRO; SOUZA, 2020), das 88 empresas oficialmente registradas como atuantes no setor audiovisual apenas 28% delas estão localizadas em cidades do interior do estado.

Esta porcentagem corresponde a 25 empresas. Destas 4 estão localizadas na região metropolitana de Natal, sendo: 3 em Parnamirim e 1 em São Gonçalo do Amarante; 13 no município de Mossoró; 3 em Currais Novos; 2 em Assú; 1 em Areia Branca; 1 em Caicó; e 1 no município São Miguel do Gostoso. Na tabela a seguir apresentamos as empresas atuantes no interior do estado.

TABELA 1 – Empresas do setor audiovisual atuantes no interior Rio Grande do Norte

CIDADE	EMPRESA	PORTE	FUNDAÇÃO	SERVIÇOS PRESTADOS
AREIA BRANCA	CANAL AREIA BRANCA	ME	23/07/2019	ATIVIDADES DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO NÃO ESPECIFICADAS ANTERIORMENTE; ESTÚDIOS CINEMATOGRAFICOS; PRODUÇÃO DE FILMES PARA PUBLICIDADE; PROGRAMADORAS
ASSU	TELECAB CANAL 10	ME	02/04/2019	ESTÚDIOS CINEMATOGRAFICOS; PROGRAMADORAS; SERVIÇOS DE MIXAGEM SONORA EM PRODUÇÃO AUDIOVISUAL
ASSU	ASSU TELECOM	EPP	15/12/1994	EMPACOTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA DE MASSA POR ASSINATURA; OPERADORAS DE TELEVISÃO POR ASSINATURA POR CABO; OPERADORAS DE TELEVISÃO POR ASSINATURA POR SATÉLITE; OPERADORAS DE TELEVISÃO POR ASSINATURA POR SATÉLITE
CAICÓ	KURTIÇÃO	ME	04/10/2005	ATIVIDADES DE TELEVISÃO ABERTA; ATIVIDADES DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO NÃO ESPECIFICADAS ANTERIORMENTE; COMÉRCIO VAREJISTA ESPECIALIZADO DE EQUIPAMENTOS E SUPRIMENTOS DE INFORMÁTICA DISTRIBUIÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEO E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO; ESTÚDIOS CINEMATOGRAFICOS; PRODUÇÃO DE FILMES PARA PUBLICIDADE; PROGRAMADORAS; SERVIÇOS DE MIXAGEM SONORA EM PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

CURRAIS NOVOS	ATIVOS EMPRÉSTIMOS E FINANCIAMENTOS	ME	23/07/2013	ATIVIDADES DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO NÃO ESPECIFICADAS ANTERIORMENTE; PRODUÇÃO DE FILMES PARA PUBLICIDADE
CURRAIS NOVOS	SIDYS TV	EPP	17/10/2012	PROGRAMADORAS
CURRAIS NOVOS	SIDYS TV	EPP	05/10/1990	EMPACOTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA DE MASSA POR ASSINATURA; OPERADORAS DE TELEVISÃO POR ASSINATURA POR CABO
MOSSORO	CANAL 2 PRODUÇÕES	ME	26/12/2005	ESTÚDIOS CINEMATOGRAFICOS; PRODUÇÃO DE FILMES PARA PUBLICIDADE
MOSSORO	COMUNICACAO E GRAFICA MOSSOROENSE	ME	30/11/2006	ATIVIDADES DE TELEVISÃO ABERTA; ATIVIDADES DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO NÃO ESPECIFICADAS ANTERIORMENTE; DUÇÃO DE FILMES PARA PUBLICIDADE; PROGRAMADORAS
MOSSORO	EXPLORATA PRODUTORA LTDA	ME	23/09/2013	ATIVIDADES DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO NÃO ESPECIFICADAS ANTERIORMENTE; COMÉRCIO VAREJISTA ESPECIALIZADO DE EQUIPAMENTOS E SUPRIMETOS DE INFORMÁTICA
MOSSORO	FAGNER SALES DUARTE PEREIRA	ME	10/08/2010	COMÉRCIO VAREJISTA DE ARTIGOS FOTOGRAFICOS E PARA FILMAGEM; COMÉRCIO VAREJISTA DE DISCOS, CDS, DVDS E FITAS; COMÉRCIO VAREJISTA ESPECIALIZADO DE EQUIPAMENTOS E SUPRIMETOS DE INFORMÁTICA
MOSSORO	SUN PRODUÇÕES	ME	22/10/2015	SERVIÇOS DE DUBLAGEM
MOSSORO	FLEX PRODUÇÕES	ME	16/03/2004	ESTÚDIOS CINEMATOGRAFICOS; PRODUÇÃO DE FILMES PARA PUBLICIDADE
MOSSORO	TV TERRA DO SAL	ME	11/10/2017	ATIVIDADES DE TELEVISÃO ABERTA; PROGRAMADORAS
MOSSORO	TV CIDADE OESTE	ME	14/10/2009	ATIVIDADES DE TELEVISÃO ABERTA; ATIVIDADES DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO NÃO ESPECIFICADAS ANTERIORMENTE; PROGRAMADORAS
MOSSORO	RIBEIRO FILMES E PRODUÇÕES	ME	03/05/2016	SERVIÇOS DE DUBLAGEM
MOSSORO	PROGRAMADORA CANAL TCM LTDA	ME	22/12/2000	PROGRAMADORAS
MOSSORO	TCM TV CABO MOSSORÓ	ME	21/07/1995	ATIVIDADES RELACIONADAS À TELEVISÃO POR ASSINATURA, EXCETO PROGRAMADORAS; EMPACOTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA DE MASSA POR ASSINATURA; OPERADORAS DE TELEVISÃO POR ASSINATURA POR CABO
MOSSORO	VIRUS FILMES	ME	10/07/2017	ATIVIDADES DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO NÃO ESPECIFICADAS ANTERIORMENTE; COMÉRCIO VAREJISTA DE ARTIGOS FOTOGRAFICOS E PARA FILMAGEM; ESTÚDIOS CINEMATOGRAFICOS; PRODUÇÃO DE FILMES PARA PUBLICIDADE; SERVIÇOS DE MIXAGEM SONORA EM PRODUÇÃO AUDIOVISUAL
MOSSORÓ	R R E EMPREENDIMENTOS	ME	13/01/2010	ATIVIDADES DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO NÃO

				ESPECIFICADAS ANTERIORMENTE; PRODUÇÃO DE FILMES PARA PUBLICIDADE
SÃO MIGUEL DO GOSTOSO	GUAJIRU PRODUÇÕES	ME	21/01/2019	ATIVIDADES DE EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA; ATIVIDADES DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA, DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO NÃO ESPECIFICADAS ANTERIORMENTE

Fonte: Banco de Dados “Mercado Audiovisual no Rio Grande do Norte” (Aires; Almeida; Dantas; Fernandes; Lazaro; Ribeiro; Souza, 2020)

O panorama da produção audiovisual no interior observado a partir das empresas audiovisual registradas na Ancine, indica que a produção da região é concentrada também em empresas que se dedicam a explorar os serviços de televisão aberta e por assinatura, destaca-se nesse sentido a empresa Sid’s Tv, de Currais Novos. No que se refere ao porte, apenas três empresas alcançam o Pequeno Porte, já as demais se classificam como microempreendimentos. Quanto a data de fundação, 6 empresas têm menos de cinco anos de criação, mas há empresas com 30 anos de fundação. Destacamos especialmente que a concentração regional é muitas vezes naturalizada e a produção audiovisual não se torna pauta de atuação de nossos governantes. Acrescenta-se a isso o fato de que as políticas públicas para a cultura vêm sendo desmontadas, a exemplo da extinção do Ministério da Cultura em 2018. Este aspecto reverbera nas diferentes regiões do país e especialmente na municipalidade. Sem o Ministério da Cultura diferentes arranjos se desorganizam e as secretarias de cultura deixam de existir, o que inviabiliza o desenvolvimento de políticas culturais municipais.

Este aspecto também reflete em nossa pesquisa. Ainda não insuficientes as pesquisas sobre a cultura audiovisual no Rio Grande do Norte. As experiências de formação e pesquisa específicas no campo são recentes. A interiorização do cinema no Rio Grande do Norte ainda não foi objeto específico de pesquisa, ainda falta bastante para colocar o estado como referência do cinema no país e que essas ações não estão sendo analisadas. É neste sentido que a nossa pesquisa se justifica. Poucos são os pesquisadores que estudaram e foram a fundo na história do audiovisual no Rio Grande do Norte. Diana Coelho destaca que ainda hoje, Fernandes é uma das poucas fontes que abordam a história do cinema no Rio Grande do Norte no século XX, tratando-se, portanto, de um campo marcado por inúmeras lacunas. (COELHO, 2019)

Estudar a propagação audiovisual também é entender como as ações culturais estão presentes nos municípios. Por isso, a análise das ações desenvolvidas que promovem e difundem o cinema no Rio Grande do Norte é tão importante quanto as políticas culturais e cinematográficas elaboradas no âmbito municipal e as políticas culturais desenvolvidas através de iniciativas federais nestas localidades, para entender como e por quem elas são geridas.

---

Se comparar o estado do Rio Grande do Norte com os estados que mais produzem e fomentam audiovisual, como São Paulo e Rio de Janeiro, iremos perceber que a disparidade é grande. Entretanto, na própria região nordeste, o estado também não está em uma boa posição. Em Pernambuco, são 11 municípios com sala de cinema e 11 distribuidoras, na Paraíba são seis cidades e quatro distribuidoras, na Bahia são 14 cidades e 11 distribuidoras, no Ceará dez cidades e distribuidoras, no Piauí três cidades e três distribuidoras, em Sergipe quatro cidades e cinco distribuidoras e em Alagoas, duas cidades e cinco distribuidoras. Sendo assim, o Rio Grande do Norte está como o estado que possui menos municípios com salas de cinema, igualando a Alagoas e o segundo pior em números de distribuidoras, só perdendo para o Piauí.

Com pequenos dados e mostras, já se percebe o lugar do Rio Grande do Norte no nosso país. Assim, elaboramos um breve levantamento bibliográfico na intenção de entender quais e quantos são os estudos que relatam sobre o cinema nas diversas cidades que compõem o interior do Rio Grande do Norte, enfatizando os meios de exibição, festivais e projetos de capacitação.

Entendemos que assim podemos construir um panorama dos impactos sociais das políticas públicas para a área e traçar diretrizes para o seu desenvolvimento. Portanto, é importante o trabalho no âmbito quantitativo e qualitativo de todas as análises citadas, identificando os atores oficiais - documentos públicos, leis que envolvem gastos culturais e aplicação dessas leis -, quanto os atores não oficiais - redes sociais e pessoas que trabalham na área da cultura e comunicação da cidade.

### **As ações nos interiores do Rio Grande do Norte**

Apesar de atualmente as salas de cinemas se concentrarem em Natal, Mossoró foi a primeira cidade a receber esse espaço físico. O Cine-Teatro Almeida Castro, inaugurado em 1908 é citado na segunda edição do livro *Écran Natalense* (2007), do jornalista e escritor Anchieta Fernandes. Antes disso, a única citação foi a de uma exibição em 1898 em Natal, através do cinematógrafo trazido pelo empresário Nicolau Parente. Um ano depois da inauguração do primeiro cinema, foi a vez de Natal receber o Cinema Natal, que hoje é o Teatro Alberto Maranhão.

Já o Cinema Pax, em Mossoró, foi inaugurado em 1943, de uma ação empresarial com parceria da prefeitura. A estrutura permitiu que, não só filmes fossem exibidos, mas atrações culturais fossem apresentadas, como Roberto Carlos, Maria Della Costa, Procópio Ferreira, Renato Viana e Nelson Gonçalves.

---

Depois dele outros cinemas foram fundados em Mossoró, como o Cine Cid, que futuramente se transformou em uma igreja e hoje é o Teatro Municipal Lauro Monte Filho; o Cine Caiçara onde também funcionava a Rádio Difusora de Mossoró e a Editora Comercial; O Cine Jandáia, que tinha capacidade de receber mais de 500 pessoas; o Cine-Teatro Almeida Castro, que foi construído quatro anos antes do primeiro cinema na capital.

Esses dados reafirmam a importância desses espaços culturais, que não só engloba o cinema como meio exibidor, mas como fomento cultural para a cidade. No meio disso, outras cidades receberam cinemas, como em Caicó, Assú, Lajes, Caraúbas, dentre outros, assim como o cinema de rua foram realizados, mas com pouca duração de vida. É importante destacar também a lei 13.006/2014, que determina a exibição de filmes brasileiros nas escolas do ensino básico ajudou a entrada do cinema nas escolas. A utilização do cinema como formação educativa, segundo Simplício (2019), gera debates sobre a formação cinematográfica de um público.

Essa lei é um exemplo claro de uma ação governamental que gera benefício no campo audiovisual para a sociedade. A partir do momento que construímos o consumo do cinema brasileiro desde criança, formaremos pessoas mais críticas as obras, com desejos de fazer cinema e com uma sociedade que entenda da importância desse trabalho. Para que isso aconteça, precisamos fortalecer e amadurecer as visões da importância da cultura no estado, para que os dados do setor audiovisual no Rio Grande do Norte possam mudar para melhor.

Os festivais de cinema são uma janela fundamental que vem se formando para um acesso mais democrático. Nos interiores tem força e são referências no estado, pela grande quantidade de filmes inscritos e participação. As cidades de Baía Formosa, Caicó, Mossoró e São Miguel do Gostoso possuem festivais de grande presença externa na cidade. Para Ikeda (2018), os festivais possibilitam a formação e o incentivo de produções, surgindo novos espaços de formação crítica cinematográfica.

Outras ações pontuais também são realizadas por coletivos formados na cidade do Natal RN. Coletivos como o Caboré e o Trinca Audiovisual promovem algumas ações nos interiores, que fomenta o setor audiovisual. Assim como projetos de extensão das Universidades Federais, que articulam atividades voltadas à capacitação e exibição de cinema. Entretanto, apesar de festivais, projetos de extensão e ações de coletivos serem importantes para o processo cultural da cidade, ainda são ferramentas temporárias, que não substituem as ações sistemáticas, semanais e universais. Faltam editais e estratégias de financiamentos de longo prazo, aspecto

---

que colabora para tempo curto de vida das produtoras, coletivos e experiências que focam na circulação de projetos audiovisuais nas cidades que não possuem muitos habitantes.

De acordo com Diana Coelho (2020, p. 35), a maioria das produções cinematográficas estão concentradas na capital do Estado, tornando ainda mais, a necessidade de incentivos maiores nos interiores, conforme destaca-se no trecho abaixo:

(...) mais de 80% da produção de curtas e médias ocorre na região metropolitana de Natal. Nesse sentido, torna-se urgente a necessidade de interiorização do audiovisual no Rio Grande do Norte, mediante desenvolvimento de ações programáticas e fomento a projetos culturais que visem o fortalecimento dos profissionais que já atuam em municípios menos assistidos pelo Estado, dentre outras ações. (COELHO, 2020, p. 35)

Apesar da capital ser o maior pólo de exibição, Fernandes (2007) relata que foi Mossoró a primeira cidade a ter uma sala de cinema, em 1908, com o Cine-Teatro Almeida Castro. A história do cinema em Mossoró percorre até os dias de hoje graças aos festivais e grupos de capacitação. O grupo Caminhos, Comunicação & Cultura - CC&C vem atuando na cidade propagando o cinema em diversas iniciativas pelos interiores do Rio Grande do Norte, “É um coletivo de produtores culturais formado por jornalistas e radialistas e tem o objetivo de pesquisar, produzir, divulgar e refletir acerca da arte e da cultura como identidade de um povo, utilizando para isto elementos de pesquisas em Comunicação Social [...]” (GOMES, 2011, p.1). O grupo também criou o *Curta Mossoró* que de acordo com Lima e Botelho (2013, p.8) promove oficinas a fim de mostrar um vídeo sobre a cultura potiguar. Coelho relata que “Aos poucos, iniciativas por todo o RN começam a acessar recursos do Fundo Setorial do Audiovisual, principal mecanismo de fomento ao cinema brasileiro na atualidade” (COELHO, 2019).

Ações contínuas voltadas aos interiores do Rio Grande do Norte torna também uma iniciativa muito eficaz. O projeto Nós na Tela, que promoviam ações de formação e produção no setor audiovisual, durou três anos - 2007 à 2010 - e promoveu a produção de curtas metragens, percorreu 18 municípios e atingiu cerca de 400 pessoas. Outros projetos, como o Centro Audiovisual Norte Nordeste (Canne) e o Núcleo de Produção Digital (NPD), que ofereceram oficinas e cursos técnicos gratuitos no Rio Grande do Norte, também foram ações promovidas para o Rio Grande do norte, porém, como relata Coelho (2019), as ações foram voltadas a capital do Estado.

---

## Conclusões

Trabalhar com audiovisual também é movimentar a economia. Sendo assim, muitas dessas ações acabam sendo derrubadas por falta de conhecimento no próprio setor. Festivais, palestras, ações nas escolas, mostras, coletivos, grupos e projetos, estimulam o cinema nos interiores e é de fundamental importância para perceber o que foi e o que ainda é feito para a formação cinematográfica nos interiores do Rio Grande do Norte.

As políticas culturais têm grande relevância para o desenvolvimento social, no entanto, em cenários de debilidade orçamentária frequentemente são tratadas como supérfluas. O progressivo processo de evasão do consumo de produtos audiovisuais em espaços formais como as salas de cinema, são indicativos de uma inversão, já que no passado as cidades do interior tinham seus equipamentos culturais para a difusão do cinema ativos. Buscamos observar como o consumo cultural destes produtos se processa na atualidade, a partir do desenvolvimento de políticas públicas para a área, sejam elas iniciativas públicas e privadas dos municípios e iniciativas públicas estaduais ou federais.

Segundos os dados, o Rio Grande do Norte ainda tem muito a crescer e os interiores ainda estão em uma fase bastante rudimentar na área. Entretanto, os projetos articulados nas cidades só irão se estruturar com a implementação de políticas voltadas a cultura e do empenho dos nossos governantes em tratar a cultura como fator importante para o crescimento da cidade.

## Referências

AIRES, Janaine; ALMEIDA, Juliana; DANTAS, Carla; FERNANDES, Eduardo; LAZARO, Alexssandro; RIBEIRO, Igor; SOUZA, Rebeca. **Mercado Audiovisual do Rio Grande do Norte**. Banco de dados do Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual. Natal: 2020a.

ANCINE. Informe de acompanhamento do mercado - Produção de Longas-Metragens 2014. 2014. Disponível em: [https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/cinema/pdf/informe\\_producao\\_2014.pdf](https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/cinema/pdf/informe_producao_2014.pdf) Acesso em: 21 setembro de 2020.

ANCINE. Audiovisual Brasileiro. Grande como o Brasil. Sonoro, preto e branco, 60 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F49YodFVYvw> Acesso em: 21 setembro de 2020.

BAECQUE, Antoine. **Cinefilia**. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. **Economia política e indústrias culturais**. In: A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes. São Paulo: Paulus, 2007.

COELHO, Diana Xavier. **Cartografia do audiovisual no Rio Grande do Norte: experiências emergentes na produção e circulação de obras audiovisuais independentes (2010 - 2018)**. Dissertação

---

(Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

COELHO, Diana Xavier. **Discutindo a produção e circulação de curtas e médias-metragens no Rio Grande do Norte**. In: CRUZ, Adriano; CRUZ, Dênia. Claquete Potiguar 2: Histórias e processos do audiovisual do Rio Grande do Norte. Porto Alegre: Editora Casa Letras, 2020.

COELHO, Diana; LACERDA, Juciano. **A produção de conteúdo audiovisual para a web: circulação e consumo da websérie Septo**. In: SATLER, Lara Lima (org.). Pesquisa em arte, audiovisual e performances Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020.

CURTA CAICÓ. Cinema é sonho! Cinema é resistência!. Disponível em: <https://www.curtacaico.com.br/>. Acesso em: 23 mar. 2020.

FERNANDES, Anchieta. **Écran Natalense: Capítulos da história do cinema em Natal**. 2ª ed. Natal, RN: Sebo Vermelho Edições, 2007.

GOMES, Ana Lucia. **O Audiovisual e a Produção Cultural em Mossoró**. In: Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife PE. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Mossoró, 2011. Disponível em: <http://www.labaudiovisual.com.br/labav/wp-content/uploads/2017/10/O-Audiovisual-e-a-Produ%C3%A7%C3%A3o-Cultural-em-Mossor%C3%B3.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

IKEDA, Marcelo. **O “Cinema de Garagem”, provisoriamente**: notas sobre o contexto de renovação do cinema brasileiro a partir da virada do século. In: Revista Aniki, vol. 5, n. 2, 2018.

LIMA, Érica e BOTELHO, Isaura. **Audiovisual Potiguar: Uma análise do cenário no período de 2007 a 2012**. 2013. In: Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2013, Mossoró RN. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Disponível em: . Acesso em: 19 abr. 2020.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL. Cinema. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/cinema>. Acesso em: 21 mar. 2020.

OLIVEIRA, Maria Carolina. **O lugar dos independentes**: práticas e representações de independência a partir da observação do “novíssimo” cinema brasileiro. In: 39º Encontro Anual da Anpocs, 2015, Caxambu. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt02/9446-o-lugar-dos-independentes-praticas-e-representacoes-de-independencia-a-partir-da-observacao-do-novissimo-cinema-brasileiro/file>. Acesso em: 19 abr. 2020.

RIBEIRO, Ramon. Experiência de acesso ao cinema do RN, longe das duas cidades com salas comerciais. In: Site da Tribuna do Norte, 2019. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/experia-ncias-de-acesso-ao-cinema-do-rn-longe-das-duas-cidades-com-salas-comerciais/464130>. Acesso em: 21 mar. 2020.

SIMPLÍCIO, Luana. **Cinema local nas escolas estaduais do ensino médio do rn**: um desdobramento da lei 13.006/2014. Monografia (Bacharelado no Curso de Comunicação Social, com habilitação em publicidade), 2019, Natal RN. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal, 2019.

SILVA, Norlan. A regionalização audiovisual no Brasil. Cultura e Mercado, 5 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://www.culturaemercado.com.br/site/regionalizacao-audiovisual-brasil-parte/> Acessado em 21 de setembro de 2020.